

## ORIGEM DO APELIDO SODRÉ NO PORTUGAL MEDIEVO

*Gilberto de Abreu Sodré Carvalho*

*Sergio Sodré de Castro*

**Resumo:** *Este artigo trata das origens portuguesas remotas (século XIV) do apelido SODRÉ e, para tanto, demonstra o parentesco entre dom Vasco da Gama e o freire Duarte Sodré.*

**Abstract:** *This article studies the Portuguese remote origins (14<sup>th</sup> century) of the surname SODRÉ, and it shows the kinship between Dom Vasco da Gama and monk Duarte Sodré.*

### Sumário

Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval  
Dom Vasco da Gama e Duarte Sodré  
Quanto à tomada de apelidos  
Bibliografia

### Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval

Os dois autores descendem de Francisco Sodré Pereira e Catarina da Silva Sandoval. Francisco e Catarina casaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Niterói, na capitania do Rio de Janeiro, em 1669.

Sobre esse casal, a começar pelo que importa a Catarina, se tem o seguinte.

Julião Rangel de Macedo e Beatriz Sardinha foram pais de Paula Rangel de Macedo, a mais velha dos filhos.

Julião Rangel de Macedo foi filho de Damião Dias Rangel, neto de Diogo Dias Rangel, Comendatário de Cete e Vilhela, e bisneto de Pedro Álvares Rangel, fidalgo da Casa do rei dom Afonso III, e de Inês de Macedo, senhores do morgado do Rongel ou Rangel, junto a Coimbra.

Julião Rangel de Macedo foi fidalgo da casa do rei dom Filipe I, de Portugal. Passou à conquista do Rio de Janeiro e, aqui, foi feito Juiz de Órfãos, nos fins do século 16. Em 1583, substituiu a Salvador Correia de Sá, no Governo Geral e a quem ajudou na fundação da cidade do Rio de Janeiro. Chegou ao Rio de Janeiro, em companhia do Governador-geral Mem de Sá.

A mulher de Julião, de nome Beatriz Sardinha, foi irmã inteira do primeiro bispo do Brasil, dom Pedro Fernandes Sardinha, e filha, com o irmão bispo, de João Gomes Sardinha e de Filipa Gomes, da Ilha da Madeira, ambos com origem em Setúbal.

Paula Rangel de Macedo, referida no início desta nota, teve, com Diogo de Mariz Loureiro, a Maria de Mariz. Diogo de Mariz Loureiro foi Provedor da Fazenda Real, no Rio de Janeiro.

Maria de Mariz e João Gomes da Silva tiveram a Catarina da Silva Sandoval.

João Gomes da Silva, nascido em 1580 e morto em 1640, foi capitão da infantaria e das fortalezas de Santo Antônio da Barra na Bahia e de São João da Barra, no Rio de Janeiro, Provedor da Fazenda Real e Juiz de Órfãos, também no Rio de Janeiro.

Francisco Sodré Pereira, vindo do Reino, casou-se, em meados do século 17, no Rio de Janeiro, com Catarina da Silva Sandoval. Os dois autores deste artigo são descendentes desse referido casal, ao qual sucederam, passadas muitas gerações, no uso do apelido Sodré.

Francisco Sodré Pereira, cônjuge de Catarina, foi filho de

- Duarte Sodré Pereira, 10.º senhor de Águas Belas, em Ferreira do Zêzere, Portugal (e Guiomar Ramires de Souza), filho de
- Fernão Sodré Pereira, 9.º senhor de Águas Belas (e Branca Caldeira), filho de
- Duarte Sodré Pereira. 8.º senhor de Águas Belas (e Dionísia de Sande), filho de
- Francisco Sodré (e de Violante Pereira, 7.ª senhora de Águas Belas), filho de
- Duarte Sodré, alcaide-mor das vilas de Tomar e de Seia, veador da Casa do rei dom Manuel, e comendador de Cartiga, na Ordem de Cristo (e de Catarina Nunes); ver abaixo sobre Duarte Sodré.

Violante Pereira, mulher de Francisco Sodré, penúltimo acima referido, foi filha de João Pereira, 4.º senhor de Águas Belas (e Isabel Ferreira). João Pereira, por sua vez, foi filho de

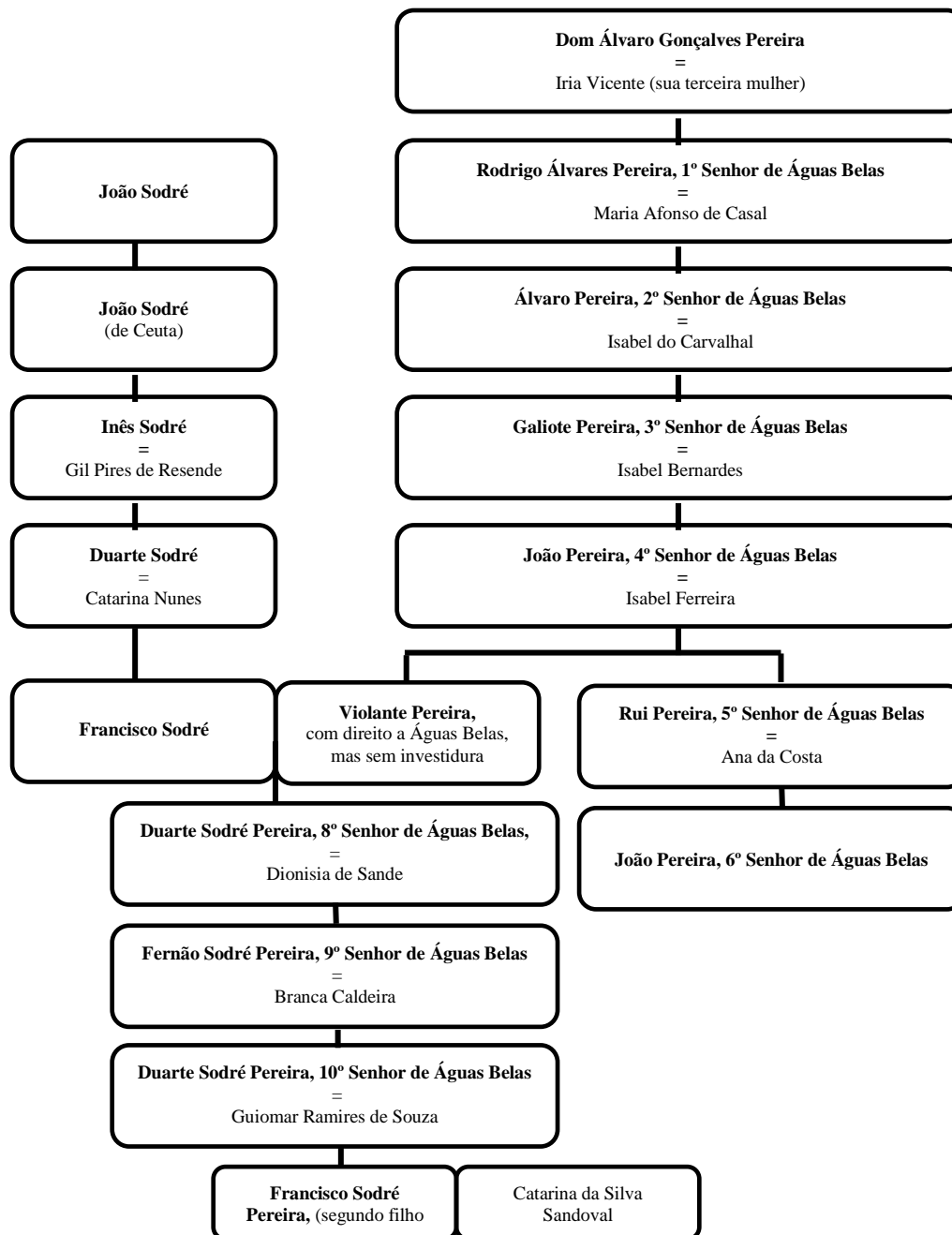
- Galiote Pereira, 3.º senhor (e Isabel Bernardes), filho de
- Álvaro Pereira, 2.º senhor (e Isabel Carvalhal), filho de
- Rodrigo **Álvares** Pereira, 1.º senhor (e Maria Afonso de Casal), filho de
- Dom Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato (e Iria Vicente).

Este dom Álvaro foi também pai, com outra mulher, de dom Nun'Álvares Pereira, o grande herói português.

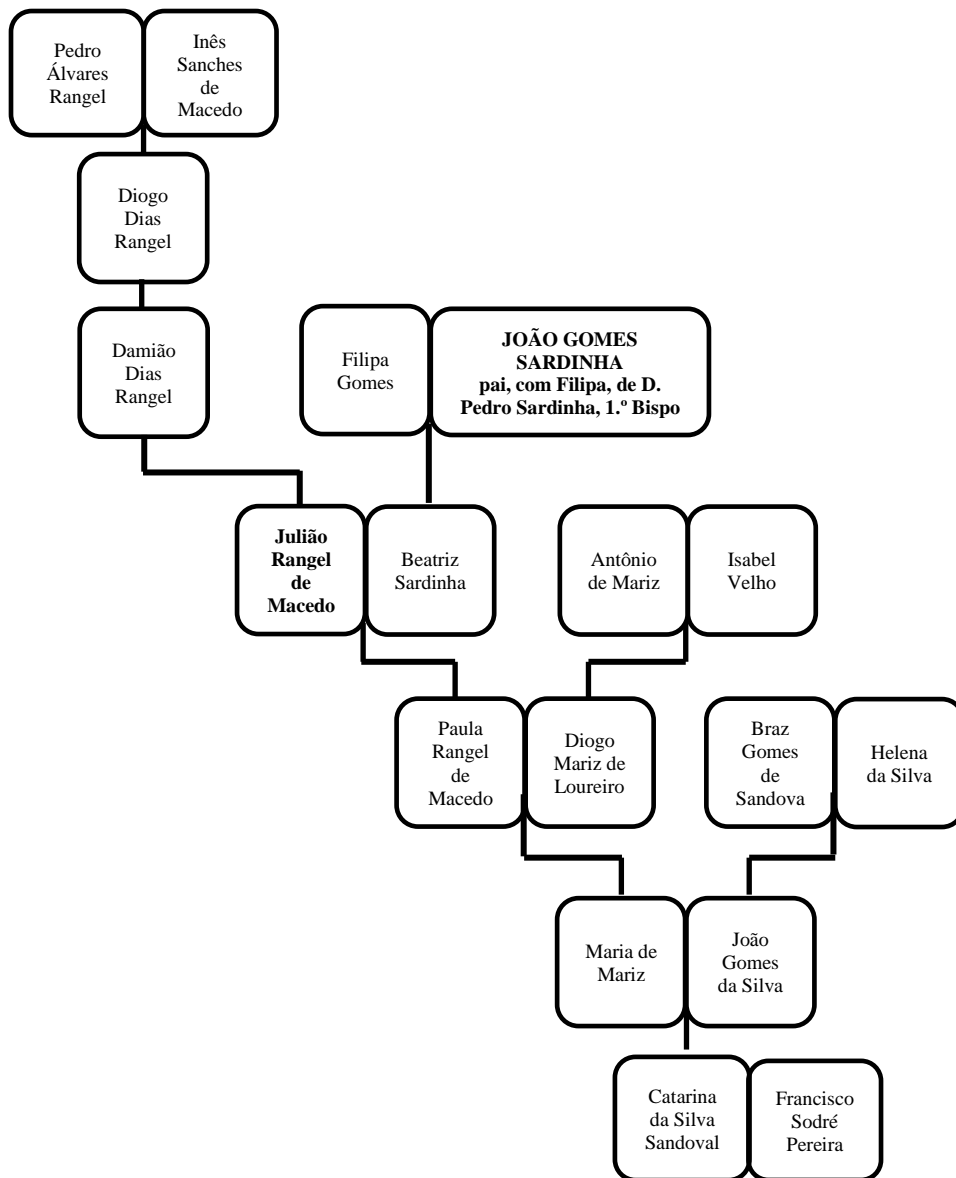
Francisco Sodré Pereira foi filho segundo de Duarte Sodré. Transmigrou para o Rio de Janeiro e lá casou-se com Catarina da Silva Sandoval.

É dado um resumo do escrito acima pelos dois diagramas a seguir. Neles, podem-se observar, com clareza, a formação do apelido duplo Sodré Pereira e a genealogia ilustre de Catarina da Silva Sandoval.

## Forma o do apelido Sodré Pereira



**Parte do passado genealógico de Catarina da Silva Sandoval,  
mulher de Francisco Sodré Pereira**



### **Dom Vasco da Gama e Duarte Sodré**

As investigações sobre a origem do sobrenome Sodré levam aos dois primeiros personagens que notabilizaram esse apelido: dom Vasco da Gama e o freire da Ordem de Cristo Duarte Sodré.

As considerações a seguir são resultado do esforço de compatibilizar as datações e os personagens documentados.

Em Portugal, no final do século 15, houve dois personagens que tinham parentesco entre si, mas que não tiveram, que nos sejam conhecidas, histórias que se cruzassem, muito menos parecem ter sido aliados ou amigos. Eles foram dom Vasco da Gama e Duarte Sodré. Ocorreu – é o que hoje se tem como possivelmente tendo ocorrido - de um trisavô materno de dom Vasco, de nome João Sodré (primeiro do nome), ter sido também bisavô materno de Duarte Sodré. A existência do João Sodré referido, que se torna o “primeiro do nome”, faz sentido no estágio atual do cruzamento das pesquisas, mas é ainda dependente de documentação.

Esse presumível João Sodré (primeiro do nome), talvez inglês de origem, com o nome possível de John Sudeley ou John de Sudeley, pode ter vindo a Portugal, já adulto, antes do reinado de rei dom João I, no período da regente dona Leonor Telles ou mesmo de dom Fernando I, como sugerem SOVERAL e MENDONÇA (2008), página 124. Teria vindo a Portugal, talvez na década dos 1370, acompanhado de uma irmã freira; tudo ainda a comprovar documentalmente.

João Sodré (primeiro do nome) foi pai, ao que se supõe, de (i) João Sodré (segundo do nome), conhecido como tendo estado na conquista de Ceuta, entre 1415 e 1418, e de (ii) Fernão Sodré, com idade assemelhada ao do seu irmão. Fernão Sodré foi criado e escudeiro da Casa Real. Foi ainda escrivão da alfândega de Lisboa.

Essa configuração genealógica (João, de Ceuta, e Fernão como irmãos) decorre da presunção da existência do seu pai em comum a nos referimos como João Sodré (primeiro do nome).

Fernão Sodré, com Violante Galo, foi pai de João Sodré (terceiro do nome). Este João Sodré (terceiro do nome) casou-se com Isabel Serrã. Esta Isabel Serrã foi filha de Afonso Lopes e de Teresa Eanes.

Sobre a união de João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã tem-se o seguinte. A referida Teresa Eanes (mãe de Isabel Serrã), depois de viúva de Afonso Lopes, já referido, casou-se - em segundas núpcias de ambos - com Fernão Sodré, este já pai, com a falecida Violante Galo, de João Sodré (terceiro do nome).

Fernão Sodré e Teresa Eanes (viúvos de Violante Galo e de Afonso Lopes, respectivamente) fizeram casar o seu filho e sua filha das suas uniões anteriores: João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã. Assim, Fernão Sodré e

Teresa Eanes promoveram o matrimônio entre esses dois dos seus filhos de anteriores casamentos e, a 9 de junho de 1447, fazem-lhes doação de todos os seus bens sítos em Montemor-o-Novo, Alcácer, Almada, Lisboa e Mafra. Registre-se que Isabel Serrã, antes, fora donzela da infanta dona Beatriz.

João Sodré (terceiro do nome) foi almoxarife do Armazém de Lisboa, escudeiro e criado da Casa Real, em 1447. O rei dom Afonso V fez-lhe doação de uma quinta no Porto, em 25 de março de 1455.

João Sodré (terceiro do nome) e Isabel Serrã tiveram a Isabel Sodré, a Vicente Sodré e Brás Sodré, muito conhecidos na conquista da Índia.

Isabel Sodré casou-se com Estêvão da Gama. Este Estêvão da Gama e a referida Isabel Sodré foram pais de Paulo da Gama (primogênito), de dom Vasco da Gama, de João Sodré (quarto do nome) e de Pedro da Gama. Estêvão da Gama, com mulher solteira, foi pai de outro Vasco, que também se chamou “da Gama”.

...

Duarte Sodré é outro personagem português de destaque daquele final de século 15 e início do século 16, ainda que de expressão histórica muito menor que dom Vasco.

Sobre Duarte Sodré tem-se o seguinte.

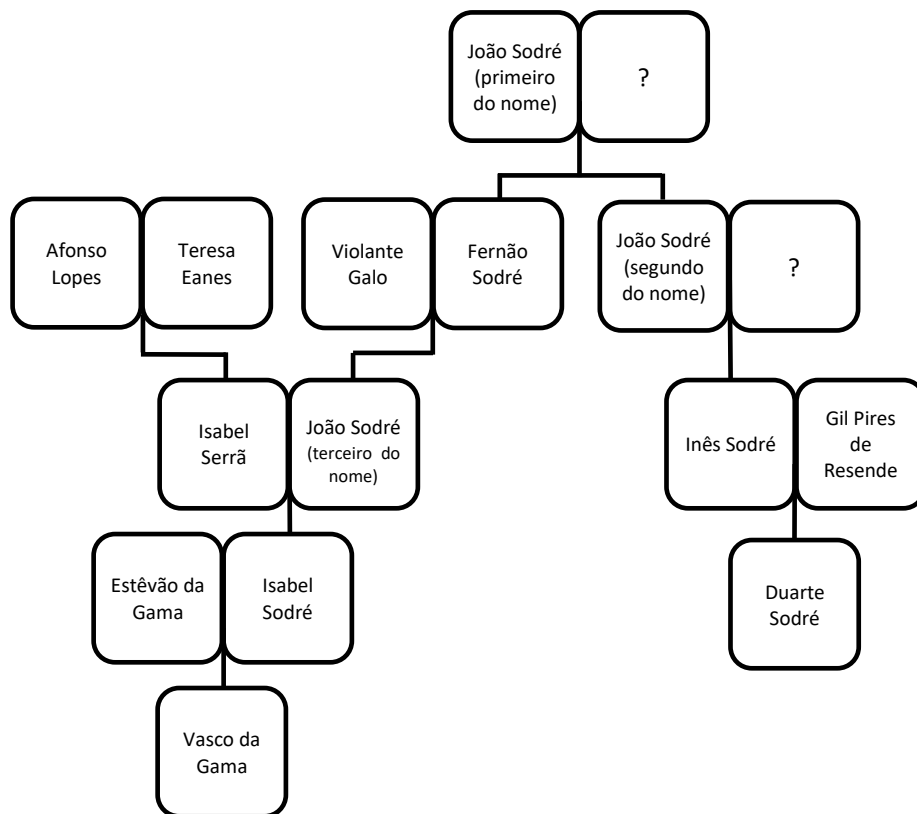
Duarte Sodré nasceu em Santarém, cerca de 1435, e morreu em 1500. Em 1465, era escudeiro da casa do infante dom Pedro. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e cavaleiro da Casa Real, vedor da casa do duque de Viseu, dom Diogo II, e mais tarde do duque de Beja, o futuro rei dom Manuel. Em 23 de agosto de 1486, o rei dom João II autorizou Duarte a constituir morgado, ou seja, terra senhorial. Pelo menos desde 1494, foi alcaide-mor de Seia. Em 26 de janeiro de 1493, era comendador e alcaide-mor de Tomar. Foi ainda provedor das capelas do infante dom Henrique, ou seja, titular da responsabilidade de cumprimento dos sufrágios pela alma do Infante. Foi comendador de Cartiga, na Ordem de Cristo, e, em 1496, vedor da Casa Real.

Duarte Sodré foi filho de Gil Pires de Resende e de Inês Sodré, filha de João Sodré (segundo do nome) e sobrinha de Fernão Sodré, acima citado. Gil Pires de Resende foi provedor dos valados de Santarém, contador régio nos almoxarifados de Santarém e Abrantes, vedor das obras régias de Almerim, procurador régio, escrivão da sisa e da dízima dos pescados do rio Tejo. Descendia de Martim Vasques de Resende, a quem o rei dom João I confirmou a posse do couto de Resende.

O primeiro filho de Duarte Sodré chamou-se João Sodré (quinto do nome, na ordem expositiva que escolhemos) e foi frade franciscano. O segundo filho de Duarte Sodré, Francisco Sodré, casou-se com Violante Pereira, e desse consórcio

nasce a linhagem dos Sodré Pereira, que são aparentados dos Bragança, por via de dom Nun'Álvares Pereira, condestável de Portugal e santo católico.

### O parentesco Sodré entre dom Vasco da Gama e Duarte Sodré



### Quanto à tomada de apelidos

Para os estudiosos de Genealogia não chama a atenção o fato de Duarte Sodré ter assumido e usado o apelido materno Sodré - e também o brasão do seu avô João Sodré (segundo do nome) - em lugar de Resende, que lhe caberia pelo seu pai, que de seu lado assumira o brasão de Resende. Não havia, desde as origens



portugalenses até o século 19, a obrigação da herança patrilinear quanto a apelido e brasão.

A pessoa fazia a sua adoção de apelido por ocasião do Crisma, ou quando tivesse de assinar documentos, ou ao casar, se mulher. No batismo católico, só constava o nome (o que alguns chamam de prenome) da criança. A escolha do apelido (sobrenome) poderia mudar no curso da vida, ou mesmo conforme o ato de que participasse, sendo referido ou como signatário.

Ainda a dizer que também Gil Pires de Resende, pai de Duarte Sodré, tinha seu apelido Resende e as armas correspondentes a esse nome, por via de sua mãe.

Desde a Idade Média, na tradição portuguesa, igualamos em valor os apelidos e heranças culturais vindos de ambos os genitores. Pai e mãe nos são iguais. Trata-se da “bilinearidade das tradições”, ainda que haja uma tendência para o uso apelido que o pai usa, em especial pelo filho primogênito, ou pela mulher que fosse herdeira na falta de um primogênito varão, quando houvesse um morgado ou herança imobiliária com vínculo. As assunções, como já exemplificado, de apelidos vindos da mãe por filhos homens eram comuns, que os adotam como uma escolha que honradamente podem fazer, conforme os costumes.

Esse conjunto de fatos chamava a atenção de estrangeiros, que se espantam ao notar que em Portugal as pessoas tomam os apelidos que lhes agradam, vendo-se que dois irmãos de mesmo pai e mãe podiam ter apelidos diferentes.

Ainda quanto à assunção de apelidos ligados a senhorios, quando uma mulher herdeira levava ao casamento os direitos sobre um morgado, o seu marido, se fosse ele um secundogênito sem herança, poderia adotar o apelido da esposa.

Quando alguém tomava, cumulativamente, o apelido do seu pai e mais o da sua mãe, o apelido paterno aparecia antes, sendo por último o da genitora. Um exemplo do padrão de primeiro o apelido do pai e, em seguida, o da mãe é o do estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, que teve por pai Bonifácio José Ribeiro de Andrada e por mãe Maria Bárbara da Silva. A Casa Imperial brasileira é chamada de Orleans e Bragança, uma vez que Bragança é denominação do lado feminino, ou seja, da princesa Isabel. Como reforço do que alegamos, dom Pedro I do Brasil, quando referido com seu apelido de casa se dizia “de Bragança e Borbón”. Borbón por conta de sua mãe Dona Carlota Joaquina.

A obrigação de o nome completo da pessoa (o nome e mais o apelido) ser definido logo ao seu nascimento pelos pais, ou na sua falta, por um responsável, só surge em Portugal, no final da década de 1920 e no Brasil no finalzinho da de 1930.

### **Conclusão**

Os autores, como o leitor pode observar, não adentraram qualquer discussão sobre a possível, mas ainda não comprovada, origem inglesa do apelido Sodré.

A preocupação específica foi de estabelecer em público o que está assentado sobre as origens do sobrenome Sodré no ano de 2017. Por enquanto, basta que tenhamos Sodré como sobrenomeação portuguesa, com primeira ocorrência em meados para o fim do século 14, na região de Lisboa e Santarém, ou seja, no terço médio do território de Portugal.

O ramo Sodré Pereira, que nasce patrilinearmente de Sodré, parece ser aquele de maior expressão genealógica, uma vez que também decorre dos Pereira medievais. Quando da sucessão de Águas Belas, na pessoa de Violante Pereira, que se casou com Francisco Sodré, o apelido duplo “Sodré Pereira” impôs-se, como que obrigação, pelas circunstâncias de a sobrenomeação “Pereira” ser aquela vinculada ao senhorio na sua constituição. Foi o filho de Violante e Francisco, Duarte Sodré Pereira, quem se fez reconhecer na continuação da estirpe de Rodrigo Álvares Pereira, o primeiro senhor de Águas Belas.

## Bibliografia

BAIÃO, António. *A vila e concelho de Ferreira do Zêzere – Apontamentos para sua história documentada*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1918

BELCHIOR, Elysio de Oliveira. *Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro, Coleção Vieira Fazenda nas Comemorações do Centenário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965. Reimpressão: 2008.

CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. *A Inquisição no Rio de Janeiro no começo do século XVII*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dos nomes completos e apelidos na cultura luso-brasileira*. In “Revista da ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia”; número 20, páginas 9-26, São Paulo: 2013.

\_\_\_\_\_. *Apelidos na cultura luso-brasileira*. Posfácio de “A mística do parentesco – Uma genealogia inacabada, volume 5 – Os Castello Branco e seus entrelaçamentos familiares no Piauí e no Maranhão (segunda edição revista e ampliada)”, por Edgardo Pires Ferreira, São Paulo: ABC Editorial, 2013.

SODRÉ DE CASTRO, Sergio. *Ligações familiares de Vasco da Gama pelo lado materno*. In “Armas e Troféus – Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte”, páginas 453-465. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 2003 (Nota: Este artigo está revisado no blog do seu autor <http://sodre.blogs.sapo.pt>).

\_\_\_\_\_. <http://sodre.blogs.sapo.pt> (neste blog, encontra-se a concentração de material atualíssimo de Sergio Sodré de Castro, sobre o apelido “Sodré” e sobre os “Pereira” medievais, que quem Sergio descende pelo sobrenome duplo “Sodré Pereira”).

\_\_\_\_\_. diversas manifestações e contributos, por troca de e-mails entre os autores do artigo do corpo do texto, durante fevereiro de 2017.

MACEDO SOARES, Antônio Joaquim de. *Nobiliarquia Fluminense ou Genealogia das Principais e Mais Antigas Famílias da Corte e da Província do Rio de Janeiro*. Edição ampliada e publicada por seu filho, o desembargador Julião Rangel de Macedo Soares. 2 volumes. Niterói, Imprensa Estadual do Rio de Janeiro, 1947.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *Nomes e apelidos em Portugal*. In “História da Vida Privada em Portugal – Idade Moderna”, José Matoso (direção) e Nuno Gonçalo Monteiro (coordenação). Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, páginas 151-157, 2008.

PEREIRA, Isaiás da Rosa. *Origens de Sodré em dom Vasco*. In publicação da Academia Portuguesa de História. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1990. .

RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e VII)*. Coleção Vieira Fazenda nas Comemorações do Centenário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Livraria Brasiliana Editora, 1965.

SOVERAL, Manuel Abranches de; MENDONÇA, Manuel Lamas de. *Ensaio sobre a origem dos Resende/Sodré*. 2008. Separata da revista Armas e Troféus, IX série. Janeiro/Dezembro de 2008, 75 páginas.